

Controle da leitura em edições e dicionários latinos escolares

Reading guidance at editions and scholars dictionary

Fábio Frohwein de Salles Moniz *

* Universidade de São Paulo (USP)

Resumo: Este artigo pretende apontar alguns aspectos da censura bibliográfica em edições e dicionários latinos escolares, entendida minimamente como conjunto de procedimentos mecânicos e intelectuais na edição de livros, para orientação da leitura e controle social. Como *corpus* de nossas reflexões, selecionamos edições *ad/in usum discipulorum/scholarum*, o *Dicionário latino-português*, de Francisco Torrinha, e o *Dicionário escolar latino-português*, de Ernesto Faria. Para a noção de controle social, baseando-nos no pensamento de Émile Durkheim, em *Regras para o método sociológico*, e de Michel Foucault, em *A história da sexualidade*, empregadas ainda abordagens mais recentes sobre o tema, sugeridas por Marcos César Alvarez em seu artigo “Controle social: notas em torno de uma noção polêmica” (ALVAREZ, 2004, p. 168-176).

Palavras-chave: Dicionário de latim, Censura Bibliográfica, Controle Social.

Abstract: This article intends to point out aspects of bibliographic censorship in editions and scholars dictionary, minimally understood as a set of mechanic and intellectual proceedings at the edition of books aiming at reading guidance and social control. As *corpus* to our deliberations, we have selected editions *ad/in usum discipulorum/scholarum*, *Dicionário latino-português*, from Francisco Torrinha, and *Dicionário escolar latino-português*, from Ernesto Faria. Regarding the notion of social control, we based ourselves on the thoughts of Émile Durkheim, at *The Rules of Sociological Method*, and Michel Foucault, at *The History of Sexuality*, by using newer approaches over the subject, suggested by Marcos César Alvarez in his article “Controle social: notas em torno de uma noção polêmica” (ALVAREZ, 2004, p. 168-176).

Keywords: Latin dictionary, Bibliographic Censorship, Social Control.

1 Introdução

Qualquer adolescente com o mínimo de curiosidade lexicográfica já procurou num dicionário de português verbetes como “merda”, “foder” e “cu”. Se consultou um bom dicionário, saciou a curiosidade a ponto de perceber que mesmo as palavras denominadas vulgarmente “palavrões”, ou mais tecnicamente tabuísmos, não só estão num instrumento sério para melhor conhecimento do vernáculo, bem como têm origem em línguas clássicas. No caso específico das três mencionadas, a etimologia remete ao latim. A que menos se transformou foi “merda”, ao passo que “foder” e “cu” advêm respectivamente do latim popular “*futere*”, forma apocopada de “*futuere*” (manter relações sexuais com uma mulher); e “cu”, de “*culus*” (ânus).

Entretanto, a busca de igual natureza em dicionários latinos escolares traria ao consulente bem menos informações. Muito embora um sem-número de tabuísmos portugueses tenha étimo latino, dicionários de latim voltados a neófitos não se prestariam tanto a esse tipo de pesquisa quanto os de língua portuguesa. Houaiss assevera que “*futuere*” é a forma clássica do verbo, mas no *Dicionário latino-português* de Francisco Torrinha, por exemplo, a palavra não se registra. Por outro lado, o dicionarista incluiu “*culus*” e “*merda*”. Em outras palavras, há uma filtragem de tabuísmos. Uns constam dos dicionários latinos escolares em detrimento de outros, que ficaram relegados a dicionários mais acadêmicos.

Se, por um lado, do ponto de vista da mera curiosidade, a filtragem de tabuísmos frustraria um adolescente, por outro, no âmbito da recepção da literatura latina, prejudicaria em muito a leitura e fruição de obras literárias. Como perceber, por exemplo, o tom agressivo de um Catulo ferido em seus brios, tendo descoberto ser mais uma estrela na constelação de amantes de Lésbia? Ou ainda a *indignatio* de Juvenal e o estilo mordaz de Marcial em inventivas a seus contemporâneos? Desde a latinidade clássica, e até antes, a linguagem dita “chula” é empregada com objetivos estilísticos. Tabuísmos em textos literários nunca são gratuitos. Muito pelo contrário, consistem em sofisticado recurso de linguagem. Substituir, suprimir ou traduzi-los atenuadamente reduz, no mínimo, o impacto de linguagem tencionado pelos autores.

2 Filtragem vocabular em edições *ad vsvm escolarvm*

É mister esclarecermos que a filtragem de tabuísmos, isto é, de palavras/expressões latinas consideradas obscenas pelo mundo moderno ocorre em contexto específico. Não fosse assim, perder-se-ia inexoravelmente a chave para a compreensão de determinados textos, o que não ocorreu de todo. A tradução dos *carmina* de Catulo por João Ângelo de Oliva Neto (CATULO, 1996) é prova incontestada de que, por mais que tenha havido e ainda haja censuras bibliográficas, mantém-se o fio tênue de uma outra tradição impressa, em que os pruridos escolares não imprimiram suas indelévels marcas. No entanto, observamos na transmissão da cultura clássica uma espécie de esquizotomização em edições de obras literárias, dicionários, glossários e tesouros. O Horácio das odes líricas e cívicas, o Vergílio da Eneida e o Catulo enamorado por Lésbia não se misturam, por exemplo, aos Horácio, Vergílio e Catulo homoeróticos, em edições *in/ad usum scholarum/discipulorum* (para o uso dos estudantes), muito embora os eruditos os conheçam.

Em termos de técnica de censura, a filtragem vocabular em dicionários latinos escolares equivale a uma categoria de expurgos em edições modernas de clássicos *in usum scholarum*. Com objetivo de ilustrarmos esse fenômeno, examinaremos brevemente aqui as edições das sátiras de Juvenal e dos poemas de Catulo, Tibulo e Propércio, organizadas por Ludovicus Prateus para a coleção *Ad usum Delphini* e publicadas em Paris, respectivamente em 1684 e 1685. Em ambas, suprimiram-se inúmeros versos total ou parcialmente. Para ficarmos apenas com casos de expurgos vocabulares, ou seja, omissões de apenas uma palavra, em ambas as antologias, foram censurados, nos poemas de Catulo, *irrumator* (X, v. 12), *mentula* (XX, v. 21) e *diffututa* (XLI, 1); e nas sátiras de Juvenal, *pathicus* (II, v. 99; IX, v. 103), *cinaedus* (II, v. 10; IV, v. 106; XIV, v. 30), *concubitus* (VI, v. 536) e *inguen* (III, v. 109; VI, v. 196 e 370; IX, v. 136; X, 322). Nas elegias de Tibulo e Propércio, os expurgos, por sua vez, não são pontuais, abrangendo o verso inteiramente ou passagens mais extensas.

Uma diferença substancial patenteia-se com o cotejo entre as duas antologias. Embora integrem a mesma coleção, a edição das sátiras de Juvenal traz uma inovação tecnológica de censura frente ao volume dos poemas de Catulo, Tibulo e Propércio: os expurgos nas obras poéticas desses últimos foram reunidos numa subseção intitulada “*Expurgata*” a partir da metade do segundo volume. Aqui, não poderíamos deixar de nos perguntar que razão teria motivado Prateus a, num curto espaço de tempo, inovar seu *modus operandi* com essa sofisticação. Longe de pretendemos exaurir a questão, cremos que a recepção negativa da antologia de 1684 possa ter colaborado para a inclusão dos “*Expurgata*” na antologia de 1685, como constatamos, por exemplo, na acerba crítica de Pierre Bayle, professor universitário francês radicado na Holanda, que reclamou da

mutilação feita por Prateus nos poemas de Catulo, Tibulo e Propércio: “*Qui nous a donné le droit de mutiler les monumens des Anciens?*” (BAYLE, 1727, p. 144). Em nossa proposta de interpretação, os “*Expurgata*” na antologia de Juvenal, publicada imediatamente no ano seguinte à de Catulo, Tibulo e Propércio, seria uma espécie de resposta à crítica de Bayle, além de que Prateus, agora, resguardava-se de qualquer nova acusação do “crime” editorial de mutilação.

Escusa dizermos que o acesso do aluno ao livro era mediado pelo tutor, o *lector*. Provavelmente, os “*Expurgata*” ficariam invisíveis ao *scholar* devido às práticas sociais de leitura da época. Todos os volumes da coleção são abertos por uma “*Epistola*”, isto é, por uma carta em que o editor se dirige ao aluno, por meio do vocativo *DELPHINE*. No entanto, já em nota ao título dos “*Expurgata*”, o acusativo *LECTOREM* assinala que o discurso não se destina mais ao jovem em formação. Trata-se do *lector*, erudito, conhecedor dos clássicos, daí ter capacidade de discernir edoticamente se a edição é boa ou não, o que justifica a reunião criteriosa e explicada dos passos suprimidos.

Se, por um lado, o editor omite poemas parcial ou integralmente ao aluno, ao *lector* são oferecidas todas as informações para compreensão do texto, com requinte de detalhes de que as mais recentes edições de clássicos e até dicionários carecem:

2 – *Irrumator*. A ruma, hoc est a mamma, dicitur irrumare, per quandam similitudinem; est enim irrumare virilia ad libidinem in os praebere, qui vero recipit, fellare dicitur; unde et fellator et irrumator, fellatrix et irrumatrix. (CATVLLVS, 1684, p. 766)

2 – *Irrumator*. Por alguma semelhança, define-se “*irrumare*” a partir de teta, isto é, mama; de fato, “*irrumare*” é oferecer com lascívia as genitais à boca, a despeito de quem [as] aceita chama-se “*fellare*”; donde não só “*fellator*” bem como “*irrumator*”, “*fellatrix*” e “*irrumatrix*”.¹

Na compreensão de Prateus, portanto, não é que essas palavras devam ser expurgas em absoluto, mas apenas vedadas ao discípulo. O conceito de obsceno deve ser aí relativizado duas vezes: 1) essas palavras são obscenas na visão de mundo de um editor moderno; 2) são obscenas para o aluno, não para o erudito, a quem o editor se vê obrigado a mostrá-las, sob pena de ser julgado inescrupuloso quanto à sua edição, o que de fato se verificou na sanção de Bayle, como vimos. Esse *modus operandi* censório de Prateus

¹ Todas as traduções neste artigo são de nossa responsabilidade.

documenta o enlace entre ensino e expurgo, no âmbito da transmissão dos clássicos latinos – edições *ad/in usum*, voltadas ao escolar, não satisfazem necessidades de leitura do erudito que não pode prescindir minimamente da confiabilidade textual da edição.

3 Filtragem vocabular em dicionários latinos escolares

Na moderna lexicografia latina, verifica-se distinção equivalente: há o dicionário para o escolar e para o erudito/acadêmico. Na própria paratextualidade dos dicionários, expressa-se o direcionamento a um enunciário específico. No prefácio à 1ª edição do *Dicionário latino-português*, Francisco Torrinhá explica que foi “*incumbido de elaborar um Dicionário Latino-Português e outro Português-Latino, destinados especialmente ao ensino de latim nos estabelecimentos de ensino secundário (...)*” (TORRINHÁ, 1945, p. VII – grifo nosso), ou seja, o dicionário de Torrinhá é declaradamente escolar. Voltado ao mesmo público, encontra-se o *Dicionário escolar latino-português* de Ernesto Faria, cuja proposta, já explicitada desde o próprio título, evidencia-se ainda no texto inicial de apresentação, em que Heloisa Araujo, diretora executiva da Campanha Nacional de Material de Ensino, declara que a obra destina-se

aos estudantes de grau médio, apresenta os elementos fundamentais de consulta para esse nível; registra essencialmente os vocábulos de uso corrente no período clássico da língua, embora não deixe de mencionar palavras usadas por autores de valor literário que viveram em época anterior ou posterior àquela. (FARIA, 1967, p. 5)

Em situação diametralmente oposta, está o *Thesaurus Eroticus Linguae Latinae*, de Karl Rambach, cujo enunciário é o leitor erudito: “*Hoc opus non leve, erudite lector, ausus sum inchoare, et peritioribus trado ab illis emendandum et perficiendum*” (Ousei elaborar esta obra não menos importante, erudito leitor, e ofereço aos mais peritos para ser emendada e aperfeiçoada por eles) (RAMBACH, 1833, p. V – grifo nosso).

Os dicionários de Torrinhá e Faria dispensam apresentações. Encontram-se facilmente em livrarias, bibliotecas e sebos. O *Thesaurus eroticus linguae latinae*, porém, merece atenção especial, dada a raridade: nenhuma biblioteca pública brasileira dispõe de exemplar. Não obstante a raridade do *Thesaurus*, é possível consultar a obra através de uma

edição digitalizada² que Google disponibiliza gratuitamente em formato PDF. O *Thesaurus* consiste num glossário de cerca de 2.000 palavras e expressões alusivas à sexualidade dos romanos. Ao longo de 312 páginas, Karl Rambach colecionou tabuísmos presentes em autores da latinidade antiga como Plauto, Horácio, Marcial, Ovídio, Cícero, explicando e ilustrando com passagens extraídas das obras. Desde a página de rosto, o objetivo do *Thesaurus* fica em evidência: “*Ad intelligentiam Poetarum et Ethologorum*” (Para o entendimento dos Poetas e Comediantes) (RAMBACH, 1833, p. I). Longe de servir à mera curiosidade acerca dos hábitos sexuais latinos, o *Thesaurus* destina-se, antes de mais nada, a auxiliar na compreensão das obras literárias. Na introdução, Rambach justifica pormenorizadamente seu propósito:

Dicendo aut scribendo de rebus eroticis, eadem nuditate verborum ab initio utebantur Romani; sed cum sensim spurcata evaderet, dissoni medici et jurisperiti, more technicorum, singularem sibi sermonem instituerunt; optimates vero literatique, urbanitatis causa necnon pueritiae reverendae, metaphoricam linguam sibi finxere, plebe retinente primam illam impolitam, quam Martialis appellat latine loqui. Hac fuse usi sunt Lucilius, Catullus, Martialis, parciusque Naso, Horatius, Tibullus, Propertius et aliqui scriptores etiam pudicissimi. Secunda lingua in libris, tum de jure tum de medicina, quaerenda est; tertia inprimis confligere Plautus, Persius, Juvenalis, Petronius, Seneca, imo Tertullianus et ipse Civitatis Dei auctor sanctissimus, vitia omnes vario quamquam modo objurgantes.// Nemo sane doctus nescit hujusque praesertim tertiae linguae scientiam quam maxime necessariam esse studiosis satyricorum et ethicorum, et eo difficiliorem intellectu nobis in diem fieri, quo longius abest ab origine sua, fere omnino obsoletis moribus, quos vel expressim vel metaphorice referebat. (RAMBACH, 1833, p. V)

Ao falar ou escrever sobre assuntos eróticos, os romanos desde o início empregavam a mesma espontaneidade de palavras; mas como pouco a pouco se tornasse obscena, os médicos e jurisconsultos desagradados construíram para si uma língua própria, com base nos usos técnicos; e de fato, por causa da urbanidade e ainda do respeito aos jovens, os nobres literatos modelaram para si uma língua metafórica a partir daquela língua original e rude da plebe tradicional, que Marcial considera “*o falar latino*”. Desta fizeram

2

http://books.google.com.br/books?id=jLnFUO89j14C&printsec=frontcover&dq=thesaurus+eroticus&hl=pt-BR&sa=X&ei=7NlgU-CiFMm0sQSh6oGwAQ&redir_esc=y#v=onepage&q=thesaurus%20eroticus&f=false

muito uso Lucílio, Catulo, Marcial, Naso em parte, Horácio, Tibulo, Propércio e ainda alguns escritores muito virtuosos. A segunda língua deve ser buscada nos livros tanto de medicina quanto de direito; Com a terceira sobretudo Plauto, Pérsio, Juvenal, Petrônio, Sêneca, até Tertuliano e mesmo o santíssimo autor d'A *Cidade de Deus* combateram os vícios, embora todos o fizessem de maneira peculiar.// Nenhum erudito certamente ignora que o conhecimento sobretudo desta terceira língua é por demais necessário aos estudos dos satíricos e moralistas, e que a cada dia torna-se para nós mais difícil de ser compreendida, pelo fato de estar muito afastada de sua origem, com os hábitos quase completamente em desuso, aos quais aludia explícita ou metaforicamente.

Como vemos, Rambach entende que houve uma espécie de modelagem da língua latina pelos homens de cultura (*medici, jurisperiti, litterati*). Não se trata aqui da censura religiosa – censura ascética –, mas da destilação linguística decorrente da urbanidade e cientificismo renascentistas, que buscou nas línguas clássicas a matéria-prima para a linguagem técnico-científica. Daí Rambach sublinhar que o segundo latim, o latim modelado, encontra-se “*in libris, tum de jure tum de medicina*” (Nos livros, tanto sobre direito quanto sobre medicina) (RAMBACH, 1833, p. V). Em contrapartida, a língua vigorosa da plebe ecoa nos autores que se propunham a criticar os vícios comportamentais, a exemplo de Plauto, cujas comédias abundam exemplares de escravos, cozinheiros, prostitutas, parasitas, mercenários e demais tipos do populacho, ou ainda dos satíricos e epigramáticos, como Juvenal e Marcial.

Obviamente, a filtragem vocabular em dicionários escolares não impediu a leitura dos clássicos, que eram estudados para o domínio da língua do Humanismo. A história da pornografia no ocidente têm suas raízes na euforia da Renascença com os clássicos greco-latinos:

Johannes Molanus, crítico do séc. XVI e censor oficial de Felipe II dos Países Baixos, descreveu algumas das imagens perturbadoras que circulavam no período: “Pãs diminutos, garotas nuas, sátiros embriagados e ereções expostas em ilustrações”. Os humanistas, como os rapazes do séc. XVIII diagnosticados como vítimas de onanismo, azedaram seu sêmen por causa da masturbação muito frequente estimulada pelos clássicos. (FINDLEN, 1999, p. 53).

Mas Rambach, já no início do séc. XIX, percebeu que havia obras em especial cujo entendimento ficava cada vez mais dificultado aos leitores desprovidos do conhecimento dos tabuísmos latinos, a saber, os poemas satíricos, cômicos e demais em que os autores objetivavam combater vícios comportamentais. O purismo religioso dos sacerdotes e o

cientificismo dos eruditos “hermetizaram” paulatinamente, para os escolares, textos que tocam em questões obscenas aos olhos do mundo moderno. Consciente do processo de modelagem do latim, Rambach temia se perderem significados de palavras/expressões dos poetas satíricos e moralistas, e como isso parte do legado literário da latinidade, e empreendeu, portanto, elaborar o *Thesaurus*, para devolver aos leitores a possibilidade da leitura. Por outro lado, o glossário destinava-se a eruditos. Ainda que o autor logre êxito, muito provavelmente os benefícios de sua “*opus non leve*” (Idem, ibidem, p. VI) (obra importante) não se estende às classes escolares. Em outras palavras, continuava aberto o fosso entre os leitores de determinado nível de instrução e o sentido das palavras/expressões que Rambach queria recuperar.

O leitor que só disponha de dicionários latinos escolares sentirá dificuldade para traduzir passagens de determinadas obras latinas. Haja vista o v. 13 do carme XXIX de Catulo: “*Vt ista uostra diffututa Mentula*” (CATULO, 1996, p. 86). O levantamento vocabular do referido trecho em Torrinha revela a ausência de duas palavras, a saber, *mentula* (v. 13) e *diffututa* (v. 13). Por outro lado, essas palavras constam de Faria, mas com tradução atenuada:

	TORRINHA	FARIA
<i>mentula</i>	-----	mentūla, -ae , subs. f. Membro viril (Marc. 6, 23, 2)
<i>diffututa</i>	-----	diffututus, -a, -um , adj. – esgotado por excesso (Catul. 29, 13)

Com base nesses dicionários, o v. 13 ficaria intraduzível ou perderia completamente o vigor de linguagem: “para que esse vosso membro viril esgotado por excesso”. Será necessário, assim, recorrer a um dicionário mais acadêmico para chegarmos à tradução: “para que esse vosso Caralho muito fodido”. Não que palavras relativas a genitália, escatologia e sexualidade se ausentem de todo em dicionários escolares:

	TORRINHA	FARIA
<i>anus</i>	1. anus , i, m. 1. Anel. 2. o ânus. (Obs. – Muito raro na 1ª acepção, que passou a ser atribuída aos	1. anus, -i , subs. m. 1) Anel (Plaut. Men. 85). 2) Ânus (Cíc. Fam. 9, 22, 2). Obs.: O sentido de “anel” passou a ser atribuído ao

	demin. <i>anulus, anellus</i>).	diminutivo anulus .
<i>penis</i>	penis , is, m. 1. Pénis. 2. Cauda; pincel (de pintar).	penis, is , subs. m. I – Sent. próprio: 1) Pênis (Hor. Epo. 12, 8). II – Sent. diverso: 2) Cauda (de quadrúpedes) (Cíc. Fam. 9, 22, 2)
<i>mingo</i>	mingo , minxi ou mixi, minctum ou mictum, 3, tr. Urinar.	mingo, -is, -ere, minxi ou mixi, minctum ou mictum , v. intr. Urinar (Hor. Sát. 1, 8, 38)
<i>caco</i>	caco , avi, atum, 1, tr. e i. Defecar; lançar os excrementos pelo ânus.	caco, -as, -are, -avi, -atum , v. intr. 1) Defecar (Catul. 23, 20). Sujar (Catul. 36, 1).
<i>urina</i>	urina , ae, f. Urina.	urina, -ae , subs. f. Urina (Cíc. Fat. 5).
<i>excrementum</i>	1. excrementum , i [excerno], n. 1. Excreção; secreção. 2. Excremento; dejeção, dejectos. 3. Bagaço das uvas. 4. Limpadura.	excrementum, -i subs. n. 1) Excreção, secreção (Tác. Hist. 4, 81). 2) Dejeção, excremento (Plín. H. Nat. 11, 94).
<i>merda</i>	merda , ae, f. Excremento.	merda, -ae , subs. f. Excremento (Hor. Sát. 1, 8, 37).

Assim, se voltarmos aos vocábulos expurgados nas antologias poéticas de Catulo, Tibulo, Propércio e Juvenal organizadas por Prateus e os pesquisarmos em dicionários escolares, constataremos que alguns estão dicionarizados em detrimento de outros:

	TORRINHA	FARIA
<i>irrumator</i>	-----	-----
<i>diffututa</i>	-----	diffututus, -a, -um , adj. – esgotado por excesso (Catul. 29, 13)

<i>mentula</i>	-----	mentūla, -ae , subs. f. Membro viril (Marc. 6, 23, 2)
<i>inguen</i>	inguen , inis, sobretudo no <i>pl. inguina</i> , um <i>n.</i> 1. Inchaço; tumor. 2. Virilha. 3. Os órgãos genitais. 4. Parte da planta onde o roma parte do tronco.	inguen, -inis , subs. n. Geralmente no <i>pl. inguina, -um</i> . 1) virilha (Verg. G. 3, 281). 2) Órgãos genitais (Hor. Sát. 1, 2, 26).
<i>pathicus</i>	-----	-----
<i>cinaedus</i>	cinaedus , a, um, <i>adj.</i> 1. Obsceno; torpe; dissoluto. 2. cinaedus , i <i>m.:</i> a) devasso; b) dançarino.	1. cinaedus, -a, -um, adj. Dissoluto, torpe, efeminado, pederasta (Catul. 10, 24). 2. cinaedus, i , subs. m. Devasso, pederasta (Juv. 2, 10).
<i>concubitus</i>	concubitus, us [con-+cubo], <i>m.</i> 1. Lugar à mesa. 2. Cópula carnal, coito (fal. de pessoas ou animais).	concubitus, -us , subs. m. I – Sent. próprio: 1) Lugar à mesa (Prop. 4, 8, 36). II – Sent. figurado: 2) Relações do homem com a mulher (Cíc. Nat. 1, 42). 3) Coito de animais (Verg. G. 4, 198).

Embora, o dicionário de Faria aparente ser mais completo do que o de Torrinha nesse campo semântico, é necessário que examinemos alguns detalhes. De fato, das sete palavras expurgadas, Faria apresenta cinco (*diffututa*, *mentula*, *inguen*, *cinaedus* e *concubitus*), ao passo que Torrinha, três (*inguen*, *cinaedus* e *concubitus*). Estão ausentes de ambos os dicionários *irrumator* e *pathicus*, que aludem a práticas sexuais não convencionais, isto é, a hábitos de sexualidade não direcionada à reprodução, uma vez que o primeiro vocábulo significa o praticante ativo do sexo oral, e o segundo, o passivo no homoerotismo masculino. Por outro lado, *cinaedus* verifica-se nos dois dicionários, mas: 1) Torrinha nem sequer menciona a questão da pederastia; 2) Faria fala da pederastia, mas não detalha o traço de comportamento ativo e, ao arrolar a acepção “efeminado”, dá a entender passividade, quando na verdade essa seria característica do *pathicus*. Os dois dicionários, dessa maneira, oferecem traduções atenuadas, ainda que em graus de controle peculiares.

Notamos assim que, não obstante pequenas divergências, a dicionarização de palavras relativas ao homoerotismo em dicionários latinos escolares é precária a ponto de

se perder completamente o traço semântico de oposição entre *cinaedus* (ativo) e *pathicus* (passivo). Temos, pois, uma estrutura lexical que se perde, na medida em essas palavras constituem um par de antônimos articulados pelas ideias de passividade e atividade, que, com efeito, não são exclusivas ao homoerotismo e se verificam também na oposição entre várias outras palavras, como, por exemplo, entre os verbos *docere* (ensinar) e *discere* (aprender). Para a exata compreensão de *cinaedus*, é necessário conhecermos *pathicus*, ou seja, o sentido de uma palavra ilumina o sentido da outra, da mesma forma que só entendemos plenamente *docere* em oposição a *discere*. Aqui, os dicionários de Torrinha e de Faria, em que pese seus inúmeros e inquestionáveis méritos, deixa a desejar para a “melhor compreensão e aprendizagem do léxico latino” (FARIA, 1967, p. 7).

Podemos, portanto, apontar dois fenômenos a respeito de tabuísmos em dicionários latino-portugueses escolares. O primeiro é o controle de palavras alusivas a comportamentos sexuais modernamente considerados desviados, seja por meio da supressão, seja por meio da tradução atenuada, que traduz não traduzindo, oferece o significante, mas oculta o verdadeiro significado, em outras palavras, exhibe parcialmente o signo, o que corresponde, enfim, à metade de expurgo, talvez desserviço ainda maior do que o expurgo completo. Vocábulos relacionados ao homoerotismo, a exemplo de *paedico*, *paedicator* (sodomizar, sodomista), consistem, assim, em pontos-chave de investigação sobre censura bibliográfica não só em edições modernas de clássicos, bem como em dicionários latinos escolares, já que o sexo entre homens ou entre mulheres, considerado estéril no horizonte das sociedades modernas e capitalistas, é alvo de repressão que

funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação da inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber. (FOUCAULT, 2001, p. 10).

Há ainda o léxico relativo a hábitos sexuais, não necessariamente homoeróticos, que subvertem a função reprodutora do sexo, como o sexo oral, a exemplo de *irrumo*, *fello* e derivados (*irrumator*, *irrumatrix*, *fellator* e *fellatrix*). Por fim, registra-se a omissão atenuada de palavras ligadas à genitália feminina (*cunnus*, *landica*), e masculina, como *mentula*, que apresenta caráter celebrador e foge ao tom sério da ciência ou dos bons costumes: o sentido denotativo de *mentula* é “mastro de embarcação”, empregando-se o sentido figurado para o pênis de tamanho avantajado.

O segundo fenômeno é o da tradução atenuada de tabuísmos, seja tão somente por meio da exclusão das acepções consideradas obscenas, como é o caso de *gladius* (espada) e *uomer* (arado), que de maneira análoga a *mentula*, celebram o pênis: ambas as palavras

designam objetos pontiagudos e associados à ideia da energia física masculina, portanto eficazes na expressão da virilidade; ou ainda na tradução apenas do significado mas sem um equivalente lexical em termos de expressividade: *uerpa*, de acordo com o *Thesaurus*, define-se “*similitudine instrumenti quo camini verruntur*” (por semelhança do instrumento com o qual as chaminés são varridas) (RAMBACH, 1833, p. 306). A tradução proposta por Torrinha (“pênis”), não transmite em língua portuguesa a expressividade do termo latino. O dicionário de Faria não apresenta essa palavra.

Dessarte, palavras alusivas à sexualidade esvaziadas semanticamente da ideia de reprodução, sejam referentes a práticas hétero ou homoeróticas, sejam referentes à mera celebração da genitália, tanto masculina quanto feminina, assumem valoração análoga na mentalidade moderna. Segundo Michel Foucault, a ascensão da burguesia imprimiu na modernidade a marca da repressão e desqualificação dos hábitos não enquadrados no esquema da sexualidade produtiva, e

o que não é regulado para a geração ou por ela transfigurado não possui eira, nem beira, nem lei. Nem verbo também. É ao mesmo tempo expulso, negado e reduzido ao silêncio. Não somente não existe, como não deve existir e à menor manifestação fá-lo-ão desaparecer – sejam atos ou palavras. (FOUCAULT, 2001, p. 10).

Em nosso raciocínio, tanto os expurgos em edições de autores latinos quanto a filtragem vocabular em dicionários latinos escolares consistem em expedientes afins, isto é, mecanismos de controle da leitura. Às antologias organizadas por Prateus e aos dicionários latinos escolares mencionados, acrescentaríamos um sem-número de procedimentos de controle da leitura encontrados não só em edições modernas de vários outros autores latinos, como Plauto, Catulo, Horácio, Tibulo, Propércio, Ovídio e Apuleio, bem como em atos do poder oficial, conforme se documenta, por exemplo, na correspondência de 22 de outubro de 1765 escrita por José Pereira da Silva Manoel, juiz de fora de Moncorvo (Portugal), a Tomaz de Almeida, diretor geral de estudos:

“Exmº Rmº Senhor,

no correio passado, [...] recebi uma carta de ofício de Vossa Excelência, na qual me ordenava de se fazer busca aos livreiros, [...] fazendo juntamente apreensão nos livros clássicos de Virgílios, Horácios e Ovídios; [...] fiz apreensão em vinte e cinco livros de Virgílios, Horácios e Ovídios aos estudantes [...]”. (VERDELHO, 1995, p. 202).

Na verdade, José Pereira apenas colocava em prática prescrições de Marquês de Pombal com relação à leitura dos clássicos latinos na cartilha intitulada “Instruções para os professores de gramática latina, grega, hebraica e de retórica”, documento com força de lei publicado em 1759. Ali, o estadista português sugeria as famosas edições *ad usum scholarum*: “Todos os doutos recomendam a escolha de livros acomodados para o uso de principiantes; e com este fim trabalharam muitos, e se tem composto vários com muita propriedade e acerto” (MONIZ, 2009, p. 239).

Estaria o Marquês de Pombal preocupado somente com questões didáticas e pedagógicas? Um certo pavor quanto aos clássicos rondava a mente dos educadores da época. Como vimos, Paula Findlen conta-nos que “os humanistas, como os rapazes do século XVIII diagnosticados como vítimas de onanismo, azedaram seu sêmen por causa da masturbação muito frequente estimulada pelos clássicos” (FINDLEN, 1999, p. 53). Nesse pormenor, os educadores jesuítas, expulsos por Marquês de Pombal do território português, já apresentavam, dois séculos antes, preocupação semelhante, a saber, o controle da leitura dos clássicos, asseverando ser necessária “emenda aos livros de humanidades de Plauto, Terêncio, Horácio, Marcial e Ovídio” e outros em função dos “devaneios que suscitam em cabeças juvenis” (LEITE, 1938, p. 543).

Na tradição da cultura clássica, as figuras de educador, tradutor, dicionarista, editor frequentemente mantêm estreito contato ou até se confundem. Haja vista os casos de Francisco Torrinha e Ernesto Faria, ambos latinistas e educadores de envergadura e de importância para a história do ensino de língua latina respectivamente em Portugal e no Brasil. Aldo Manúzio, primeiro grande editor do Humanismo, que publicou aproximadamente 150 obras clássicas, pautou seu projeto editorial nos objetivos da educação humanista definidos por Erasmo de Rotterdam (MARTINS, s.d., p. 425). A edição de textos – conjunto de procedimentos mecânicos e intelectuais regulados pela filologia – reveste-se da função social de “vigiar a tradição litúrgica e também literária da comunidade”, e “a tarefa básica dos filólogos consiste em salvar os textos da destruição material” (LAUSBERG, 1974, p. 21). Mas, sabemos, essa salvaguarda nunca foi imparcial e desprovida de interesses para além das qualidades literárias dos textos.

4 Considerações finais

A atuação do editor até o advento da moderna ciência filológica no séc. XIX com Karl Lachman, era muito influenciada pelo subjetivismo. Lachmann, no prefácio de sua edição de Lucrécio, publicada em 1816, censurava o “sistema, vigente em sua época, de

editar um autor tomando por base uma edição autorizada e introduzindo nela as modificações segundo o arbítrio pessoal” (SPINA, 1994, p. 72). O filólogo alemão desconfiava, inclusive, dos “manuscritos de época humanista, porque se trata usualmente de exemplares alterados, e aprontados num desejo de elegância e perfeição formal” (SPAGGIARI; PERUGI, 2004, p. 31).

Longe de adotarmos uma postura condenadora, preferimos compreender as decisões de editores, dicionaristas e de tradutores como a concretização de algo para além de individualismos. Esses personagens consistem, na verdade, em agentes sociais, e, assim, seus posicionamentos, patentes nas intervenções em textos de autores clássicos ou na dicionarização de determinadas palavras, remetem a causas bem mais complexas do que as adulterações, expurgos ou traduções atenuadas apontariam em primeira análise – refletem fatos sociais que permeiam as decisões dos indivíduos e suas idiossincrasias.

Segundo Émile Durkheim, os fatos sociais correspondem a formas de conduta, de pensamento ou, ainda, de sentimento exteriores ao indivíduo, que exercem poder de coerção, independentemente de sua vontade ou concordância. Não devem, portanto, ser confundidos com fenômenos orgânicos, uma vez que são representações e ações, nem com fenômenos psíquicos, pois não se originam nem dependem da consciência dos indivíduos mas da sociedade integral ou parcialmente compreendida, no âmbito de ordens religiosas, escolas políticas, literárias, corporações profissionais, entre outras (DURKHEIM, 1973).

Nesse sentido, Durkheim entende que a educação funciona como um mecanismo por meio do qual a sociedade impõe ao indivíduo maneiras de ver, de sentir e de agir, que não seriam apreendidas espontaneamente. A educação objetiva criar o ser social, por meio da coação, que, em última instância, nada mais é do que a pressão da sociedade, exercida pela pessoa dos pais ou educadores sobre a criança, buscando moldá-la à sua imagem e semelhança. Na esteira do sociólogo francês, aplicamos seu entendimento de educador aos dicionaristas, editores e organizadores de várias edições de clássicos, uma vez que, como afirmamos, desde sua origem e ao longo de sua história, a transmissão da cultura clássica se encontra indissolivelmente vinculada a propostas educacionais. A publicação de autores greco-latinos surge, no Humanismo, como extensão do pensamento de Erasmo de Rotterdam, para quem a leitura dos gregos e dos latinos importava, antes de mais nada, por uma questão pedagógica, já que todo o conhecimento contido nessas duas literaturas era vital para a humanidade (ROTERODAMI, 1516).

No entanto, Aldo Manúzio, em nenhuma de suas edições, praticou expurgo, empreendendo zelosa pesquisa de fontes para oferecer aos leitores o texto dos autores gregos e latinos com a máxima confiabilidade possível. As primeiras edições modernas contendo textos censurados surgirão, coincidentemente ou não, no século XVII, “início de uma época de pressão própria das sociedades chamadas burguesas” (FOUCAULT, 2001, p.

21), a exemplo da coleção *Ad usum Delphini*, publicada no séc. XVII, na França, para a qual Prateus organizou as antologias poéticas de Catulo, Tibulo, Propércio e Juvenal, comentadas anteriormente. Voltada à formação do Delfim, futuro rei de França, a coleção logrou sucesso *extra muros*, de modo a volumes seus se encontrarem em bibliotecas não só de aristocratas de outros países, a exemplo da Real Biblioteca Portuguesa, incorporada posteriormente à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, como ainda nos acervos particulares de intelectuais como o magistrado e escritor espanhol Gaspar Melchor de Jovellanos. Os mentores da coleção – o Duque de Montausier, homem de grande rigor moral, e o literato Pierre Daniel Huet, ambos tutores do Delfim – almejavam, além de melhorar a qualidade das edições de autores latinos em uso, resgatar a literatura latina da decadência causada pela crise no ensino de humanidades, sobretudo em função do fechamento sistemático dos colégios da Companhia de Jesus (VOLPILHAC-AUGER, 2000).

A coleção *Ad usum Delphini* reintroduzia o texto original das obras latinas, em lugar de traduções, e oferecia ainda explicações em latim. Os autores eram traduzidos em prosa latina, e, assim, intensificava-se o hábito de leitura em latim. O projeto, desenvolvido após 1670, revolucionou o mercado francês de clássicos latinos – até então a ideia de coleção consistia na reunião de belas passagens, uma série de extratos ou ainda na compilação de passagens de um mesmo autor –, pois pela primeira vez oferecia o agrupamento ordenado e uniforme dos autores pagãos. Não obstante as virtudes e grandiosidade do empreendimento editorial, alguns volumes foram duramente criticados, entre os quais, as sátiras completas de Juvenal, sob a responsabilidade de Prateus, cujos expurgos dos textos dos satíricos causaram a indignação do professor Pierre Bayle, conforme apontamos acima.

Felizmente, a obra de Catulo, Tibulo, Propércio, Juvenal e dos demais clássicos latinos sobreviveram às intervenções diretas ou indiretas de editores, tradutores e comentadores, como um palimpsesto refratário ao tempo, não sem exibirem suas cicatrizes. Uma arqueologia da tradição da cultura clássica revela questões importantes sobre nossa complexa maneira de lidar com o mundo antigo – misto de fascínio e estranhamento – e nos mostra que transmissão e censura são fenômenos relacionados entre si, faces da mesma moeda.

Referências

ALVAREZ, Marcos César. Controle social: notas em torno de uma noção polêmica. *São Paulo em Perspectiva*, 18(1), 2004, p. 168-176.

- BAYLE, Pierre. *Oeuvres diverses*. La Haye: P. Husson, T. Johnson, P. Gosse, J. Swart, H. Scheurleer, J. Van Duren, R. Alberts, C. Le Vier, F. Boucquet, 1727.
- CATULO, [Caio Valério]. *O livro de Catulo*. São Paulo: Edusp, 1996.
- CATVLLVS, C. V., PROPERTVS, S. & TIBVLLVS, A.. *C. Valerii Catulli albii Tibulli et Sexti Aurelii Properti Opera*. Paris: Tipografia do Rei Leonardo Frederico e do Clero Francês, 1684.
- DURKHEIM, E. *As regras do método sociológico e outros textos*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- FARIA, Ernesto (Org.). *Dicionário escolar latino-português*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1967.
- FINDLEN, P. Humanismo, política e pornografia no Renascimento italiano. In: HUNT, L. (Org.). *A invenção da pornografia*. São Paulo: Hedra, 1999. p. 49-114.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 14. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- LAUSBERG, H. *Linguística românica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1974.
- LEITE, S. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa: Portugalia, 1938. v. 2.
- MARTINS, José V. de Pina. *Descobertas filológicas e descobrimentos portugueses numa carta de Aldo Manuzio a Leão x (1513)*. S.l.: s.n., s.d.
- MONIZ, F.F.S. A leitura dos clássicos a partir da reforma do Marquês de Pombal. *Cultura e Fé*. Porto Alegre, ano 32, n. 125, p. 225-244, 2009.
- RAMBACH, Karl. *Thesaurus Eroticus Linguae Latinae*. Stuttgartiae: Apud Paulum Neff 1833.
- ROTERODAMI, Erasmi. *De ratione studii, ac legendi interpretandique auctores libellus aureus*. Argentorati: Ex Aedibus Matthiae Schurerii, 1516.
- SPAGGIARI, B.; PERUGI, M. *Fundamentos da crítica textual*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- SPINA, S. *Introdução à ecdótica: crítica textual*. 2. ed. São Paulo: Ars Poetica; EdUSP, 1994.
- TORRINHA, Francisco. *Dicionário latino-português*. 3.ed. Porto: Marãnus, 1945.
- VERDELHO, T. *As origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas*. Aveiro: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1995.
- VOLPILHAC-AUGER, Catherine et al. (Org.). *La collection Ad usum Delphini: l'Antiquité au*

miroir du Grand Siècle. Grenoble: ELLUG, 2000.

FÁBIO FROHWEIN DE SALLES MONIZ

Doutor em Letras e professor de Língua Latina na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) E-mail. fabiofrohwein@gmail.com.